



# ESCRITA E IMAGEM

organização e nota introdutória

Elisabete Marques

Rita Benis

DOCUMENTA

Esta publicação foi desenvolvida no âmbito da investigação realizada  
no Centro de Estudos Comparatistas (UIDB/00509/2020)  
e no Instituto de Literatura Comparada (UIDB/00500/2020),  
Unidades I&D financiadas por fundos nacionais através  
da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.

# ESCRITA E IMAGEM

AMÂNDIO REIS

ANA BELA MORAIS

FERNANDO GUERREIRO

GOLGONA ANGHEL

JEFFREY CHILDS

JOANA MATOS FRIAS

JOÃO OLIVEIRA DUARTE

JOSÉ BÉRTOLO

LUÍS MENDONÇA

MARIA FILOMENA MOLDER

MARIANA PINTO DOS SANTOS

MÁRIO AVELAR

OSVALDO MANUEL SILVESTRE

PEDRO EIRAS

RITA BENIS

ROSA MARIA MARTELO

SILVINA RODRIGUES LOPES

# ESCRITA E IMAGEM

*organização e nota introdutória*

ELISABETE MARQUES

RITA BENIS

DOCUMENTA

© SISTEMA SOLAR, CRL (DOCUMENTA), 2020  
RUA PASSOS MANUEL, 67 B, 1150-258 LISBOA  
© DOS AUTORES

1.ª EDIÇÃO, DEZEMBRO DE 2020  
ISBN 978-989-9006-67-6

NA CAPA: FOTOGRAMA DE *UNE HISTOIRE DE VENT*, JORIS IVENS, 1988. © CAPI FILMS  
REVISÃO: LUÍS GUERRA

DEPÓSITO LEGAL 478108/20  
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: SERSILITO  
TRAVESSA SÁ E MELO, 209  
4470-083 MAIA  
PORTUGAL

# ÍNDICE

<i>Nota introdutória</i> .....	9
ESCRITA E CINEMA	
AMÂNDIO REIS Escritores no cinema: Sophia e Monteiro, Camilo e Oliveira .....	17
ANA BELA MORAIS <i>Spider</i> : na teia da escrita .....	35
FERNANDO GUERREIRO A cauda do pavão: forma e escrita no <i>Wuxia (a prose poem)</i> .....	47
GOLGONA ANGHEL Raul Brandão e Manoel de Oliveira: «A alma descarnada das coisas»	61
JEFFREY CHILDS A arte do <i>film noir</i> .....	73
LUÍS MENDONÇA A crítica como diálogo ou os «face-a-filme» de Serge Daney e Louis Skorecki .....	83
MÁRIO AVELAR Uma súbita erupção da cor: uma leitura dos derradeiros planos de <i>Andrei Rublev</i> .....	97

OSVALDO MANUEL SILVESTRE	
«Or would you rather be a fish?»: sobre <i>Paterson</i> , de Jim Jarmusch	107
RITA BENIS	
Argumento cinematográfico e imagem em movimento: sobre o uso (leitura) que dá vida ao escrito .....	117
POESIA E IMAGEM	
JOANA MATOS FRIAS	
Poesia, câmara escura: a geometria turva das imagens .....	135
JOÃO OLIVEIRA DUARTE	
A afirmação da imagem.....	155
JOSÉ BÉRTOLO	
Vanguardas cinematográficas dos anos 20 e a resistência pela poesia	169
MARIA FILOMENA MOLDER	
Escrever na pedra, escrever na água.....	185
MARIANA PINTO DOS SANTOS	
Escrever com tesouras. A poesia-colagem de Rui Pires Cabral ....	203
PEDRO EIRAS	
É na página que ondeia tudo: sobre o legível e o visível em «Manucure» de Mário de Sá-Carneiro .....	219
ROSA MARIA MARTELO	
Lugares da imagem na poesia .....	237
SILVINA RODRIGUES LOPES	
Confiscação, inscrição e perplexidade .....	249
<i>Notas biográficas</i> .....	265

## NOTA INTRODUTÓRIA

O presente volume é uma antologia de ensaios resultante de uma série de encontros abertos ao público, realizados no Outono de 2018, em formato de seminário, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Enquadrado no âmbito das actividades do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, sediado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o seminário constituiu um espaço partilhado de debate e reflexão sobre as relações entre a escrita e a imagem. Era um dos seus propósitos promover, a partir dos dois termos titulares, o questionamento e a análise das correspondências e das tensões entre diferentes práticas artísticas, bem como averiguar os efeitos dessa problematização na discussão de géneros, hierarquizações, categorizações, identificações. cremos que o livro dá corpo a essas mesmas preocupações. Nos diversos ensaios que o compõem, assiste-se à investigação das contaminações ou intercâmbios entre diversos *media*, ao estudo de objectos híbridos, ou à observação da coexistência dos dois regimes, visível e dizível, aquando da recepção dos objectos.

A organização deste livro, como não poderia deixar de ser, acompanha as confluências descobertas nos diferentes contributos. Tendo-se observado que as propostas oscilavam entre duas artes, a saber, o cinema e a poesia, optámos por criar duas secções, «Escrita e Cinema» e «Poesia e Imagem». Conforme se poderá adivinhar, estas partes não poderão deixar de exhibir afinidades e cruzamentos, não existindo um limite estrito e rígido entre elas. Tal característica não corresponde, a nosso ver e de acordo com a nossa motivação original, tanto a uma fragilidade quanto à abertura a sentidos e a pensares.

A primeira secção, «Escrita e Cinema», é dedicada às várias modalidades da escrita do e no cinema, estando contempladas nos diferentes ensaios que a compõem a pré-produção (argumento), a produção (adaptação/inadaptação, alusão, citação, entre outros) e a pós-produção (recepção crítica). Inicia-se ela com o texto de **Amândio Reis** sobre os filmes *Sophia de Mello Breyner Andresen* (1968), de João César Monteiro, e *O Dia do Desespero* (1992), de Manoel de Oliveira. A partir destes filmes o autor trabalha a ideia de «inadaptação», que, conforme esclarece, implica uma transposição pela qual o texto escrito é indiciado e não uma conversão (adaptação) pela qual se dá o apagamento de quaisquer indícios da matriz literária. **Ana Bela Morais**, por sua vez, analisa *Spider* (2002), de David Cronenberg, defendendo a ideia de que a escrita, particularmente a escrita diarística do protagonista, é um dispositivo cinematográfico central através do qual as fronteiras entre real e ficção, memória e fantasia, são esbatidas, daí resultando a fragmentação da identidade do escritor, do enredo e mesmo do filme, que se assemelha a uma rede de fios entrelaçados, ou seja, a uma teia. O género cinematográfico *Wuxia*, que convoca as artes marciais e a fantasia medieval, será o centro gravitacional das reflexões de **Fernando Guerreiro**. Segundo o ensaísta, as coreografias dos corpos e dos objectos poderão ser lidas à luz da associação entre performatividade e caligrafia. Para robustecer a sua proposta, examina alguns dos filmes mais emblemáticos do género, como *A Maldição da Flor Dourada* (2006), de Zhang Yimou, ou *A Assassina* (2015), de Hou Hsiao-Hsien. *O Gebo e a Sombra* (2012), de Manoel de Oliveira, adaptação homónima de uma peça de Raul Brandão, é o filme abordado por **Golgota Anghel**. Se Brandão escreve assombrado ou acompanhado pelos mortos, conforme algumas das suas declarações parecem sugerir, o filme de Manoel de Oliveira, segundo a autora, configura visualmente o limiar entre os dois mundos, o dos vivos e o dos mortos. Desenvolvendo uma reflexão sobre o tema da representação no *film noir*, **Jeffrey Childs** mostra como neste género cinematográfico tal problemática é assinalada através da presença de objectos de arte nos filmes e, mais relevante ainda, de gestos e de relações que as personagens assumem e que tendencialmente associamos a modos de lidar com objectos artísticos, nomeadamente com textos literários. A compulsão hermenêutica de algumas personagens sobre outras seria, a esse título,

exemplar. É o que se passa em *Laura* (1944), de Otto Preminger. *Laura* é objecto da narrativa e da escrita de Lydecker, bem como da leitura crítica, isto é, da investigação (criminal), de McPherson. **Luís Mendonça** debruça-se sobre a prática de escrita de dois afamados críticos de cinema franceses, Serge Daney e Louis Skorecki. Passando em revista alguns dos momentos mais emblemáticos da vida e do pensamento destes dois autores, Mendonça mostra como o seu amor pelo cinema os leva a experimentar as mais diversas expressões escritas, recorrendo nomeadamente a um género com longa tradição filosófica e literária, o diálogo (ficcional). Já **Mário Avelar** faz um conjunto de observações sobre a plurivocalidade simbólica do filme *Andrei Rublev* (1966), de Andrei Tarkovsky, que associa à dimensão poética do mesmo. O ensaio de **Oswaldo Manuel Silvestre** incide sobre o filme *Pater-son* (2017), de Jim Jarmusch, revendo o que nele surge como dimensão política e autoral. No que diz respeito à autoral, destaca o momento em que a personagem Pater-son descobre que o caderno em que escreve os seus poemas foi destruído pelo seu cão, para assim compreender que não basta escrever para se ser um autor. Por fim, **Rita Benis** analisa o argumento do ponto de vista da sua recepção, ou seja, considerando o espectador-leitor, que, nesse processo de experimentar o texto em movimento, exponencia as virtualidades de uma escrita em acontecimento.

A segunda parte deste volume incide sobre as várias articulações entre poesia e imagem, compreendendo tanto a investigação sobre a interferência da poesia em artes da imagem (pintura, cinema) quanto a análise das diversas estratégias retóricas, semânticas ou gráficas que conferem um carácter eminentemente visual ou imagético aos textos poéticos. O conjunto abre com o ensaio de **Joana Matos Frias** sobre *Corpo Agrário* (1970) e *Os Campos Visuais* (1973), de Nuno Guimarães. Lendo alguns poemas deste autor à luz da poética cesariana e de alguns contributos teóricos sobre a imagem, a autora encontra neles uma espécie de questionamento dos processos perceptivos e seus dispositivos mediadores, que, por sua vez, origina uma reflexão poetológica sobre a representação. Já o texto de **João Oliveira Duarte** trata de pintura. Instigado pelo quadro de Diego Velázquez *Las Hilanderas* (1657), o ensaísta faz uma digressão sobre o mito de Aracne. Analisa as diferentes descrições da personagem nas obras de Homero e Ovídio, *Odis-*

*seia* e *Metamorfoses* respectivamente, constatando-as com a imagem proposta pelo pintor. **José Bértolo**, por sua vez, investiga as vanguardas cinematográficas dos anos 20, meditando na aproximação estabelecida por alguns cineastas da época entre o cinema e a poesia. Segundo o ensaísta, substituindo nos seus filmes a narrativa, ainda de cariz acentuadamente textual, pela imagem, estes realizados viabilizam uma reflexão sobre o cinema — o cinema da poesia. Num exercício escrito que acompanha o fluxo da criação de Carlos de Oliveira, **Maria Filomena Molder** faz uma leitura dos poemas do autor, em particular dos que constituem o livro *Micropaisagem*, pela qual surpreende a íntima correspondência entre imagens e palavras no gesto poético. **Mariana Pinto dos Santos** analisa alguns dos mais recentes trabalhos de Rui Pires Cabral, que, desde 2012, abandonou a escrita convencional enveredando por criações híbridas que combinam imagem e palavra. De acordo com esta autora, a prática do artista resulta num novo tipo de poesia, no qual a intercepção das palavras e imagens produzem um imaginário poético que joga à margem das artes visuais, mas nunca abandona a ética da escrita poética. Na medida em que «Manucure» (1915), de Mário de Sá-Carneiro, cruza o legível e o visível, pois trata-se de uma imagem feita de palavras, **Pedro Eiras** procura averiguar os desafios suscitados por este texto híbrido, que não só levanta problemas de identificação e de categorização como obriga a redefinir ou a reinventar os modos da sua recepção. **Rosa Martelo** passa em revista as formas de articulação entre palavra e imagem em diferentes propostas poéticas — poemas-objecto (surrealistas); imagem entendida no plano retórico (articulada com a metáfora); poemas visuais; éfrase; entre outras. A partir dessa análise conclui que a poesia dificilmente dispensa a imagem, o que varia é a conceptualização que dela se faz. O livro termina com um ensaio de **Silvina Rodrigues Lopes**. Sublinhando a centralidade do conceito de «diferendo» proposto por Jean-François Lyotard, a autora procura pensar escrita e imagem a partir do que as aproxima, a saber, a ausência/vazio ou descoincidência que as faz diferir de si-mesmas e que corresponde a uma abertura, isto é, ao seu permanente acontecer.

Não podemos encerrar esta pequena nota introdutória sem referir o fotograma retirado de *Une histoire de vent* (1988), de Joris Ivens e de Marcelline Loridan, que

compõe a capa deste volume, e ao qual não teríamos tido acesso não fosse a preciosa colaboração de Inês Oliveira e de Paulo Cunha. No nosso entender, ele ilustra o que pretendíamos das sessões que marcaram aqueles fins de tarde, no Outono de 2018. Nele, escrita e imagem aparecem simultâneas ao olho interpretante. É a justaposição das duas que abre espaço a renovadas leituras e, por conseguinte, ao pensamento.

ELISABETE MARQUES  
RITA BENIS



# ESCRITA E IMAGEM

textos

Amândio Reis

Ana Bela Morais

Fernando Guerreiro

Golgoná Anghel

Jeffrey Childs

Joana Matos Frias

João Oliveira Duarte

José Bértolo

Luís Mendonça

Maria Filomena Molder

Mariana Pinto dos Santos

Mário Avelar

Oswaldo Manuel Silvestre

Pedro Eiras

Rita Benis

Rosa Maria Martelo

Silvina Rodrigues Lopes

 Centro de Estudos  
Comparatistas

 ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA  
MARGARIDA LOSA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**U LISBOA** | UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**FLUL** LETRAS  
LISBOA

**U PORTO**  
FLUP FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

